

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 4
2009

ÍNDICE

| | |
|---|-------|
| Editorial | 3-6 |
| Dossiê – Futurismo, 1909-2009 | 7-152 |
| Mariastella Margozzi, <i>Futurismo avanguardia italiana</i> | 9 |
| José Manuel de Vasconcelos, <i>Antitradição e maravilhoso na poética do Futurismo italiano</i> | 19 |
| Pedro Sargento, <i>Regeneração e degeneração: o contínuo Futurismo</i> | 29 |
| Carlo Serafini, <i>O teatro futurista</i> | 47 |
| Rita Marnoto, <i>Futurismo e Futurismos em Portugal</i> | 61 |
| Jerónimo Pizarro, <i>Pessoa e “Monsieur” Marinetti</i> | 77 |
| Manuel G. Simões, <i>Os mitos futuristas e a “Ode triunfal” de Álvaro de Campos</i> | 89 |
| Gianluca Miraglia, <i>“Ser italiano quer dizer dominar todas as raças”: Marinetti em Lisboa</i> | 99 |
| Paula Cristina Costa, <i>Futurismo, futurismos: de A confissão de Lúcio a Nome de guerra</i> | 113 |
| Fernando J.B. Martinho, <i>Para um estudo da posteridade do Futurismo na poesia portuguesa contemporânea</i> | 129 |
| ARTIGOS | |
| Giona Tuccini, <i>L’uomo come esistenza che parla. L’orientamento morale e il sentimento religioso di Giovanni da Empoli</i> | 155 |
| Paulo Lopes, <i>Um olhar português sobre a Roma de Quinhentos</i> | 169 |
| Sílvio Castro, <i>Leopardi e Fernando Pessoa: projeto e anteprojetado “livro único” no Zibaldone e no Livro do desassossego</i> | 183 |

TEMAS E DEBATES

| | |
|---|-----|
| Ernesto Rodrigues, <i>Imaginação e Literatura</i> | 209 |
| Aa.vv., <i>Para um dicionário de tradutores</i> | 223 |

OBRA ABERTA

| | |
|----------------------------------|-----|
| Ernesto Rodrigues, <i>Branco</i> | 245 |
|----------------------------------|-----|

RECENSÕES

| | |
|--|-----|
| Eça de Queirós, <i>La Corrispondenza di Fradique Mendes. Memorie e note</i> , a cura di Roberto Vecchi e Vincenzo Russo (Manuel G. Simões) | 261 |
| <i>Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli</i> , a cura di Monica Lupetti (Isabel Almeida) | 263 |
| Maria Bochicchio, <i>O paradigma do pudor</i> (Arnaldo Saraiva) | 268 |
| <i>Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione</i> , a cura di Didier Ottinger; <i>Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione</i> , a cura di Giovanni Lista e Ada Masoero (Rita Marnoto) | 271 |
| Giusi Baldissoni, <i>Filippo Tommaso Marinetti</i> (Rita Marnoto) | 275 |
| V. de Saint-Point, <i>Manifesto da mulher futurista. Manifesto futurista da luxúria</i> , trad. de Célia Henriques (Clelia Bettini) | 277 |
| Angelo D'Orsi, <i>Il Futurismo tra cultura e politica. Reazione o rivoluzione? Con antologia di testi</i> (Roberto Gigliucci) | 281 |

ACTUALIDADE

| | |
|--|-----|
| Editou-se... (Paola D'Agostino) | 285 |
| <i>Zum-pim-zim!</i> Un banchetto aerofuturista (Clelia Bettini) | 293 |
| Quinto Encontro de Italianística. <i>Os Palermas de Coimbra</i> (Rita Marnoto) | 299 |
| <i>Nel mezzo del cammin</i> . Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea (Rita Marnoto) | 301 |
| Attività dell'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona Il debito della lusitanistica italiana verso il Prof. Giuseppe Carlo Rossi (Maria Luisa Cusati) | 303 |
| Un altare dello scultore genovese Pasquale Boccardo per il Seminario Maggiore di Coimbra (Fausta Franchini Guelfi) | 315 |
| Luciana Stegagno Picchio <i>in memoriam</i> (Maria João Almeida / Giona Tucini) | 329 |
| Carmen Radulet <i>in memoriam</i> (Manuel Simões) | 333 |

RECENSÕES

Angelo D’Orsi, *Il Futurismo tra cultura e politica. Reazione o rivoluzione? Con antologia di testi*, Roma, Salerno, 2009, pp. 337

A todos aconselho – aos jovens em particular – a leitura do livro de Angelo D’Orsi sobre o Futurismo, porque diz qual é o estado de coisas (ou melhor, qual era), quanto à vanguarda italiana de início de século e à sua precisa contextura política.

Depois de uma introdução em que a hermenêutica gramsciana é oportunamente colocada no centro do discurso, o livro articula-se numa primeira série de capítulos dedicada aos elos que ligaram o Futurismo, no plano histórico, quer ao nacionalismo, quer ao *arditismo*, quer ao fascismo, e noutra série de capítulos que delinea o percurso do meteórico Partido Futurista Italiano e aprofunda o belicismo futurista, face às diversas situações que se perfilam entre a Guerra da Líbia, a Grande Guerra, o 1919, etc., procurando também compreender as franjas ultra-minoritárias de um Futurismo de esquerda e descrever o crepúsculo do Futurismo, com o regime de Mussolini, ou melhor, o seu

trionfo ambigualmente institucional. Segue-se uma cronologia pormenorizada e uma antologia de textos verdadeiramente significativa, sobretudo para quem não é especialista.

Na verdade, o maior mérito do volume é a clareza que caracteriza não só a forma de exposição adoptada, como também as posições tomadas. D’Orsi, que assim segue, nobremente, os rastos de Bobbio, considera funcional a distinção entre direita e esquerda para compreender a história e a política, sem hesitações ao situar o Futurismo, com abundância de documentação, no campo da cultura direitista. Neste ponto, a clareza é essencial: as operações de uma certa esquerda, empenhada em interpretar o Futurismo, pelo menos na sua forma originária, como um movimento artístico revolucionário, não necessariamente vinculado ao pensamento-acção de direita que estruturou o século XX europeu (ou a sua primeira metade), são tentativas falhadas. O Futurismo é a vanguarda da filosofia/prática da violência, da guerra, do assalto, da virilidade, da penetração e do arrombamento, do não-igualitarismo, da modernidade como

massacre, da estetização da força como esplendor primitivo dos machos *àristoi* e, portanto, paradigma de governo das massas. D'Orsi faz bem, ao citar com frequência Mario Morasso e o seu nietzschianismo, que pode não ser bonito, mas é facilmente assimilável. E também faz bem, ao evidenciar o papel central que cabe à exaltação da guerra nas vicissitudes do Futurismo e de Marinetti, desde o Manifesto de Fundação, de 1909, até ao fúnebre, que dá pena, *Quarto d'ora di poesia della X Mas* de 1944. O *flirt* com o massacre, que *identifica* a modernidade, é luxúria futurista até às entranhas. O êxtase repulso da chacina e do sangue que conota a cultura do grupo reunido em torno da revista *Lacerba*, de Florença, e as posições de Marinetti, são unha com carne.

Em suma, a Itália foi a vanguarda do fascismo, ou antes, dos fascismos europeus, e foi a vanguarda da vanguarda, tendo-a inventado com o Futurismo e tendo-a definido, enquanto tal,

como *destrudo* estética e sócio-anropológica. Esta é cultura de direita do século XX. Só que, se Benn, Céline, Pound ou Cioran, pese embora a diversidade dos seus percursos ideológicos e biográficos, foram grandes escritores, Marinetti e quantos o rodearam foram medíocres, sem sombra de dúvida, pelo que diz respeito aos resultados da sua obra artística. D'Orsi, no campo estético, não assume frontalmente um juízo de valor, e, portanto, é a mim que cabem estas afirmações finais, em tom conclusivo.

Quero dizer que, quanto ao Futurismo, também em momento de aniversário e celebrações é necessário conservar clareza de vistas e disponibilidade de espírito para avaliar criticamente. Se a Itália teve, historicamente (e talvez ainda o tenha) o genial privilégio de propor a vanguarda política do pior, não é caso para dourar a pílula. E reconheçamos serenamente que é sempre possível melhorar. ROBERTO GIGLIUCCI.
Trad. de RITA MARNOTO